

LEITURA E BIBLIOTECONOMIA: ENTRE O CONCEITO E A PRÁTICA¹

David Rodrigues Rocha

Resumo:

Este trabalho apresenta, por meio de pesquisa descritiva, as práticas de leitura dos estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), regularmente matriculados no período de 2009/2. Através de pesquisa de campo, investiga suas relações com o livro e a leitura, as áreas de interesse e o perfil destes estudantes. A pesquisa aponta ainda que a experiência da leitura envolve diferentes processos em sua prática, e que o estereótipo sobre a imagem do estudante de Biblioteconomia, geralmente tão ligada à leitura e ao livro, nem sempre condiz com a realidade, uma vez que este demonstra manter uma relação funcional com a leitura ao longo de sua graduação.

Palavras-chave:

Leitura; Estudante-biblioteconomia; Livro; Leitor

READING AND LIBRARIANSHIP: BETWEEN CONCEPT AND PRACTICE

Abstract:

This work presents, by a descriptive research, the reading practices of the librarianship students from the Brazilian Espírito Santo Federal University (UFES), regularly enrolled in the period of 2009/2. Through a field research, it investigates the relationship of students with book and reading, besides their interest fields and profiles. The research points out that the reading experience involves different processes in its practice and that the librarianship student stereotype, generally so linked to reading and book, not always matches with the reality, since this student demonstrates to keep a functional relationship with the reading along with his undergraduate level.

Keywords:

Reading; Student-librarianship; Book; Reader

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia. Semestre letivo: 2009/2. Orientadora: Prof^a Ma Lucileide Andrade de Lima do Nascimento.

1 INTRODUÇÃO

Embora as transformações tecnológicas e as novas ferramentas de socialização da informação estejam cada vez mais presentes no universo da Biblioteconomia, o profissional desta área ainda tem sua imagem muito ligada ao livro em seu formato impresso. O estudante de Biblioteconomia também carrega o estereótipo de que *gosta de livros* e conseqüentemente de *lê-los*, de ser um *leitor assíduo e eclético*. Este é o foco e o problema deste estudo, onde nos perguntamos: Que práticas de leitura esse graduando desenvolve ao longo de sua formação?

Essa provável inclinação para a leitura pode ser decisiva para um profissional que pretenda atuar em bibliotecas públicas, escolares ou comunitárias, onde dele exijam, por exemplo, melhor interpretação da realidade e competência para elaboração de políticas/projetos de fomento à leitura, uma vez que se pressupõe que este já usufrua dos benefícios e do legado que a boa prática de leitura proporciona.

Para resolver o problema levantado, tomamos como objetivo tratar de identificar em que medida essa prática de leitura está ou não direcionada ao mercado pretendido (seja qual for), em que área pretende atuar e como se dá essa relação com a leitura, seja ela ficcional ou específica (da área de biblioteconomia), conhecer melhor o perfil deste graduando e acompanhar as transformações que se desenham durante sua formação.

2 A LEITURA NO TEMPO

A leitura nasce com o homem e aflora na medida em que ele cresce. Conscientemente ou não, a todo momento estamos interpretando e fazendo uma leitura do cenário que nos rodeia. Quando afirmamos que o homem nunca vê o mundo tal como ele é, mas sua própria representação sobre o mundo, estamos dizendo que as leituras passadas e acumuladas se refletem na leitura atual, imprimindo-lhe sensações, impressões e transformando seu olhar.

Uma criança que faz algo de errado e é punida com uma chinelada nas pernas se sentirá coagida ao ver-se ameaçada novamente por um chinelo, ou pode entender que fez algo ‘errado’ simplesmente ao perceber o olhar recriminador de seus pais: aí está manifesto

RELATO DE EXPERIÊNCIA

uma forma de leitura. Obviamente esta é apenas uma das incontáveis formas de leituras que desenvolvemos ao longo da vida a partir do acúmulo de experiências e decifração de símbolos. Vejamos o caminhar de um desses símbolos na representação social: a palavra escrita.

A leitura vem se firmando ao longo da história através da escrita, e acompanhando sua evolução, até por isso, traz ainda hoje uma imagem estritamente ligada ao livro impresso, com uma trajetória até mesmo confundida com a do livro; e é justamente este conceito de leitura que iremos retratar, a leitura aprisionada ao texto, à escrita, em seus diferentes suportes e formas de acesso.

A escrita representou uma evolução, a possibilidade de impressão de sua história e guardiã da memória, os primeiros registros advindos da escrita foram feitos em tabuletas de argila ou pedra. Por volta do século II a.C. surgiu o Khartes ou Volumen, cilindro de papiro que logo seria substituído pelo Pergaminho e pelo Codex. Na Idade Média o pergaminho é substituído pelo papel, antecedendo outra grande invenção, a impressão, que por volta de 1405 d.C. já era feita com uma máquina impressora de tipos móveis. No entanto, a maior das revoluções da escrita data de 1455, com a invenção da impressora de tipos móveis reutilizáveis, antecedendo o desenvolvimento da técnica de tipografia.

A leitura obviamente acompanhou a história do livro, bem como vem acompanhando seu desenrolar e se apropriando das novas ferramentas que contribuem para sua disseminação. Se o sonho da Biblioteca Real de Alexandria parecia distante pela missão quase impossível de reunir em um mesmo espaço todas ou o máximo de publicações para dispor ao usuário/ leitor, agora isso já parece possível a partir do texto eletrônico.

Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar. Pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável (CHARTIER; LEBRUN, 1999, p. 117).

O texto digital representa uma nova forma de relação com o leitor que agora é mais seguro, exigente e busca comodidade, é neste universo que o ciberespaço torna-se a menina dos olhos das novas gerações. O texto digital permite agora interatividade e dinamismo: se antes o leitor devia escolher entre ler ou escrever sobre o pergaminho,

RELATO DE EXPERIÊNCIA

agora ele pode abrir várias páginas eletrônicas, copiar informações digitais, ler e produzir conhecimento, tudo ao mesmo tempo.

Uma nova forma de interatividade e dinamismo é exigida por esse novo leitor cercado de informações e com acesso a todos os tipos de notícias atualizados em tempo real. O hipertexto se apresenta como essa ferramenta superior ao texto tradicional, oferecendo outros caminhos na forma de links, de acesso a outras janelas e conteúdos, possibilitando o cruzamento de dados, acesso a diferentes textos a partir de uma busca direta, permitindo a conexão com outros leitores e tornando o que seria uma página de pesquisa em uma verdadeira rede de comunicação, pesquisa e interdisciplinaridade.

Outros suportes e meios de acesso a informação e ao texto digital também são de uso frequentes, principalmente por seus formatos portáteis como o e-book, que pode armazenar dezenas de livros, ou o celular que permite tirar fotos, redigir textos e conectar com a internet. A internet é na verdade um espaço aberto de acesso a todos os tipos de informações que bombardeiam o leitor, ou agora, internauta.

A sociedade contemporânea possui, portanto, um batalhão de informações e dados que perseguem nossos olhos e muitas vezes nos fazem leitores passivos ou inconscientes, são outdoors, panfletos, bonés, camisas... Um turbilhão de informações e dados que por vezes confundem ou alienam o indivíduo incapaz de acompanhar todo esse fluxo de informação que se lhe apresenta.

“O mundo atual não se pode conceber como um sistema organizado, racional. É um caos, é uma vertigem em movimento. É muito difícil entender o que se passa” (MORIN, 2007, p. 46).

3 PROCESSOS DE LEITURA

Junto à literatura tecno-científica podemos observar uma diversidade de apropriações conceituais e de interpretações para a experiência da leitura, nenhuma delas como incontestável ou fixa, mas contribuições para o entendimento deste processo vivo, contínuo e intrinsecamente ligado a subjetividade de cada indivíduo/ leitor.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao longo da evolução do homem e das sociedades, valores e (res)significados são criados e se transformam num processo cíclico, a partir da experiência, da observação, da ‘leitura do mundo’ e da leitura dos fatos. É justamente nesta perspectiva que a leitura está além da palavra e da escrita, mas se firma na interpretação.

“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela” (FREIRE, 1994, p.11).

O universo da leitura na palavra escrita está poética e tradicionalmente ligado ao imaginário do livro, do jornal e do material impresso em sua forma geral, no entanto, vivemos um momento de agressivas mudanças e descobertas tecnológicas, em que a informação assume um papel central e de acirrada disputa, denominando o que chamamos de a sociedade do conhecimento.

É neste cenário que a informação ganha novos formatos e se ‘liberta’ do papel, ganhando a dimensão digital e tornando-se mais acessível, ágil e interativa, para responder a uma economia baseada no intangível e fluxos de informação que se dispersam no ar: é respirável e viaja por kbytes.

Martins (2007, p. 30), define leitura como “[...] um processo de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem [...]”, sendo assim, todos já nascemos potencialmente leitores (bons ou ruins) e é claro que o capitalismo e seu apelo consumista sabe disso, sendo natural e esperado que este se aproprie dessas novas ferramentas tecnológicas, resultando numa explosão de imagens, letras e números que nos perseguem e revestem-se com seus mais diferentes suportes, formatos e dimensões.

Muito provavelmente nunca um deus foi tão convincente como este criado pela sociedade contemporânea, a informação: onipotente, onisciente, onipresente e feminino.

A prática de leitura abordada neste trabalho refere-se ao plano da escrita, e sem a intenção de representar quantitativamente todo o volume de leitura dos estudantes de Biblioteconomia (seria impossível), até porque apenas no trajeto até a universidade, passamos e lemos uma infinidade de informações como letreiro de lojas, outdoors,

folhetos comerciais, as estampas das roupas... Uma gama de informações e dados imensuráveis e alienantes que se perdem numa selva de poluição visual.

3.1 Formas de leitura

Martins (1986) apresenta três formas de leitura que se complementam e intercalam, elas marcam a relação do indivíduo/ leitor com o livro, com o texto e muitas vezes marcam também o compasso da leitura, são elas: A leitura sensorial, emocional e racional.

A *leitura sensorial* é a impressão primeira, é a sua reação diante do novo que se apresenta, é neste momento que um turbilhão de subjetividades, memórias e sua imagem de mundo interagem ou não com o objeto em questão (muitas vezes inconscientemente). Isso fica claro nas crianças, principalmente aquelas ainda não alfabetizadas ou que estão em processo de alfabetização, o livro posto diante dos seus olhos só será manuseado se lhe chamar atenção, se lhe aguçar curiosidade, e neste sentido, vale seu formato, suas cores, figuras, desenhos, todos os recursos que comunique e chame atenção, daí o sucesso dos livros-brinquedo entre as crianças.

Estas reações porém se evidenciam, mas não se reservam apenas aos iletrados ou às crianças (que ainda não se utilizam das nossas pequenas dissimulações cotidianas). Não raro, nos deixamos levar por um bom trabalho gráfico do livro, sua textura, seu cheiro e volume. Nos textos digitalizados são considerados, por exemplo, o tipo e o tamanho da fonte, a cor utilizada... E que atire a primeira pedra quem nunca julgou um livro pela capa!

A *leitura emocional* é provavelmente a mais comum e pressupõe uma passividade do leitor em relação ao texto lido, é o viajar pelas páginas, viver diferentes personagens, estar presente em cada cena, o leitor emocional é o testemunho ocular de cada história.

Se na leitura sensorial reagimos a um aspecto físico, na leitura emocional o que conta é o que o texto nos suscita, a sensação que resulta das linhas lidas. Este papel os *best sellers* desempenham bem, despertam emoção e convidam o leitor para uma viagem de enigmas, aventuras, reviravoltas e muitas vezes finais felizes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste ponto é importante compreender e valorizar todos os tipos e gêneros de leituras, entendendo-as como um processo, como um degrau ou até o fim em si mesma, porque é na leitura emocional que muitos despertam o interesse em ler e por conseguinte em alimentar boas práticas de leitura.

Os exemplos deste tipo de leitura são vários, basta lembrar os suspiros provocados pela coleção Sabrina, ou a curiosidade sobre as últimas páginas das tramas de Agatha Christie, as risadas com Fernando Sabino, o encantamento com Mário Quintana ou estranhamento com Kafka, todas essas leituras falam conosco e produzem diferentes sensações. Distintas daquelas provocadas pela tensão de ler às pressas um texto para a prova do dia seguinte, ou o fichamento de um livro ‘chato’ para a graduação ou ainda para a construção de um artigo, por exemplo. Estes sentimentos e sensações podem determinar nosso gosto, nos levar a descobrir um gênero favorito, descartar um tipo de leitura ou nos tornar leitores mais assíduos.

A *leitura racional* é a que detém maior status, é a leitura atribuída aos pensadores, aos intelectuais, artistas e de um modo geral aos estudantes, ela geralmente é realizada com um fim, é reflexiva e busca a compreensão de um fato ou de uma premissa, é pausada e às vezes agrega uma pesquisa formal ou informal, na busca por conhecimento.

Este propenso status da leitura racional não se pode dar ao luxo da arrogância, pois dificilmente este nível de leitura ocorre antes da leitura sensorial e emocional, caso contrário Nietzsche seria leitura corrente entre estudantes no nível médio de ensino.

No universo das artes cênicas, Brecht defendia uma espécie de teatro racional, a quebra da ilusão e um distanciamento do público, esforço semelhante acontece com a leitura racional, seu leitor não pretende previamente se envolver com o texto, mas decifrá-lo, ir além, voltar à página anterior ou recorrer ao dicionário se preciso, formar uma ideia ou por vezes aproximar-se da erudição.

Ao iniciar esta pesquisa sobre a leitura racional, a primeira imagem que nos veio a mente foi a de uma pessoa quebrando a cabeça com Heidegger, deixando Paulo Leminski de lado para ler Deleuze, uma espécie de leitura que exige esforço, que nem sempre é

RELATO DE EXPERIÊNCIA

realizada por gosto, por prazer, mas por necessidade de conhecer, de evoluir, de intelectualizar-se ou ao menos aparentar-se intelectual.

Estas formas de leitura quase sempre se dão de forma mútua, elas se complementam sem uma hierarquização ao longo do processo de leitura do indivíduo ou numa leitura única, conforme afirma Martins (1986, p.77):

[...] creio ser muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pelo simples fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se expressar como na de buscar sentido, compreender a si próprio e o mundo.

É importante frisar a explosão de diferentes formas e níveis de leitura, de leitor e de suporte de leitura, sem supor graus de superioridade entre elas, respeitando os diferentes estilos e a área de interesse que faz com que cada indivíduo eleja uma forma de leitura específica.

O leitor de culinária, de gibis, de romances, artigos técnicos, poesias, ciências humanas e sociais, ou aqueles que navegam pelo ciberespaço lendo e se comunicando através de e-mails, celulares, pagers, enfim, dos recursos que atualizam e reafirmam a lei de Ranganathan *Para cada Leitor, seu Livro* (ainda que livro não seja um livro propriamente), comprovam a leitura como uma prática viva e dinâmica, presente no imaginário, na cultura e no cotidiano da vida social.

4 TEMPO DE LER

A leitura é um bem intangível que se materializa nos livros e se manifesta no indivíduo leitor enriquecendo seu olhar e oferecendo uma diversidade de sensações e possibilidades. No entanto, o ato de ler parece estar mais vinculado ao prestígio proporcionado pela imagem do indivíduo leitor do que efetivamente à sua prática.

A leitura entre os estudantes universitários em geral e mais especificamente entre os estudantes do curso de Biblioteconomia, destina-se em grande parte à pesquisa, é uma leitura exigida pelo estudo para cumprir um objetivo muitas vezes *imposto* ao longo da graduação. É comum ouvir frases como *ler é viajar*, ou *eu adoro ler, devoro livros...* Mas

RELATO DE EXPERIÊNCIA

se perguntado sobre o que gosta de ler ou quais os últimos livros lidos, podemos estar criando aí uma situação embaraçosa para o então suposto leitor assíduo.

Mais comum do que as declarações de amor ao livro, são as desculpas para não lê-los, e a campeã absoluta é a falta de tempo. Esta afirmação pode encobrir outra realidade, que é a falta de familiaridade real com a leitura, frequentemente entendida como algo maçante realizado com um fim específico, nunca com o fim em si mesmo, algo que exige um preparo, muito diferente do uso da televisão e da internet, por exemplo. A conclusão a que arriscamos chegar é que *dizer que lê é bonito, ler efetivamente é maçante*.

Esta realidade não é exclusiva dos estudantes de Biblioteconomia da UFES, um estudo dos hábitos de leitura dos estudantes de Biblioteconomia da Bolívia chegou à seguinte conclusão: “Poucos desfrutam da leitura, a memorização é a opção mais usada, uma maioria escolheu sua carreira (*biblioteconomia*) porque gosta de compartilhar sua leitura, mas em seu tempo de ócio preferem o rádio ou a TV” (SUÁREZ; VALDIVIA; MAMANI, 2003, p.4).

Esta afirmativa é desastrosa e seus reflexos são ainda mais negativos, porque limitam a capacidade crítica e interativa destes estudantes, que acabam por assumir um discurso muito distinto de sua prática, exigindo pouco ou quase nada de sua formação, o que muitas vezes resulta em formandos despreparados para o mercado de trabalho e de competência profissional questionável.

A pesquisa realizada entre os estudantes da Bolívia apresenta ainda o seguinte resultado:

Os primeiros resultados que chegamos são [...]. Não existe um hábito de leitura, a memorização de conceitos é o mais recorrente entre estudantes, a análise, a opinião própria não é praticada, o conceito de *bibliotecônomo*, depois de cinco anos de estudos, se reduz ao ofício de *passar livros*, creio que é a constante que lamentavelmente está presente na carreira. (SUÁREZ; VALDIVIA; MAMANI, 2003, p.5. tradução livre).

A afirmação é dura, mas não mascara uma realidade próxima da vivida no Brasil, em que a leitura ainda carrega *status* e não é vista como um hábito banal, mesmo entre estudantes universitários. Uma pesquisa realizada entre estudantes da Universidade Estadual de Londrina aponta que em média 70% dos estudantes de Biblioteconomia pesquisados em

RELATO DE EXPERIÊNCIA

1998 percebem-se como leitores ocasionais, e esse número diminuiu no ano seguinte para 40%. Já entre os que se consideravam leitores assíduos esse número fica em 20% em 1998 e 25% em 1999 (CARELLI et al, 200-).

A problemática maior está na confiabilidade destes números, pelas questões levantadas anteriormente podemos inferir que nem todos aqueles que se definem como leitores ocasionais ou assíduos realmente carregam esta prática ou o fazem espontaneamente. O mesmo estudo mencionado acima aborda as dificuldades encontradas durante a leitura técnica por seus estudantes, e entre elas destacam-se a dificuldade em compreender o significado das palavras (que chega a 60% dos apontamentos), falta de pré-requisitos (até 83,33%) e complexidade do conteúdo (83,33).

Interpretando essas informações podemos chegar à conclusão de que as dificuldades encontradas durante a leitura são geradas justamente pela baixa prática de leituras anteriores, que limitam a compreensão e familiaridade com os temas propostos. O acúmulo de leitura é necessário para compreender melhor o meio, construir uma visão plural e crítica diante dos fatos que se lhe apresentam, quando isso não acontece diminuímos nossa capacidade de análise, compreensão e julgamento.

Aborda a leitura de mundo através da atuação do conhecimento prévio, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto, mundo, que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar partes de um texto num todo coerente. (KLEIMAN, 1989 apud NEVES, 1998, p. 1).

Tais afirmações tornam indiscutível o legado de uma boa prática de leitura e em se tratando de um público universitário torna-se um bem necessário a sua formação, independente das indicações de leitura já feitas pelos docentes. Os estudantes que lêem por conta própria e buscam outras fontes de informação criam autonomia e independência com informações que congregam durante a graduação, contribuindo para uma visão plural da realidade e de seu entendimento.

Ao se deparar com um mercado de trabalho competitivo e assustadoramente dinâmico, o recém-formado terá uma exata noção do quanto seu acúmulo de leituras o auxiliou a compreender esta nova realidade, interagir e interferir neste ambiente. É igualmente neste novo cenário que as dúvidas e dificuldades se apresentarão ao não-leitor, que certamente

RELATO DE EXPERIÊNCIA

terá maior dificuldade em compreender, propor e assumir postura crítica e pró-ativa em qualquer ambiente que exija desenvoltura e aguçada capacidade de argumentação.

O bibliotecário que não lê se castra conscientemente. Não avança e não promove conhecimento. Não se arma para os imprevistos do dia-a-dia, esquecendo-se que a biblioteca e a universidade são palcos de incontáveis dúvidas que sua cultura pode ajudar. (BARROS, 1986 apud NEVES, 1998, p. 2).

É interessante perceber que a leitura no meio acadêmico está amiúde vinculada a uma obrigação, o meio de se chegar a um fim específico, deixando de lado o prazer que a leitura pode nos proporcionar. É na universidade que talvez tenhamos a maior chance de interação social, pois se trata de um campo que abriga as mais diversas áreas do conhecimento e de diversidade cultural.

A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) dispõe de bibliotecas, teatro, cinema, galerias de arte e espaços alternativos onde se produzem, fomentam e são expostos trabalhos artísticos de toda natureza. São espaços valiosos para apreciação, entretenimento, que abarcam todos os tipos de discussões e concepções, espaços esses que inexplicavelmente são desconhecidos por muitos alunos da própria instituição.

A justificativa para a alienação cultural é a mesma do distanciamento da leitura, ‘falta de tempo’, esquecendo-se de que os edifícios culturais são fixos e seus serviços geralmente oferecidos inclusive fora dos horários de aula (aos sábados e domingos, por exemplo) e que os livros só possuem asas na imaginação de quem os lê.

Não ler deve ser entendido primeiramente como a privação de um prazer, assim como a contemplação de um quadro na galeria, da arte do ator ou a fotografia de um belo filme. A arte torna a vida no mínimo mais suportável e oferece uma fuga deste dinâmico e enlouquecedor ritmo social, onde correr e manter-se atualizado são obrigações diárias.

Não podemos desconsiderar que parte desta privação ao prazer proporcionado pelas expressões artísticas em geral e pela leitura, em específico, são atributos de um sistema educacional falho que não propõe (pelo menos não o suficiente) uma aproximação de seus estudantes ao universo cultural desde a pré-escola. No entanto, é na universidade que uma gama de novas experiências se apresenta, e desfrutar disto (o universo acadêmico)

pode ser tão importante e proveitoso quanto o empenho dispensado exclusivamente à graduação.

Mario Quintana disse que “há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores”, mas complemento que para diferenciá-los é preciso lê-los, e jogando duro com o leitor ele ainda provoca: “Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem”. Ler é transformar, e transformar-se é um deleite possível a todos que se atrevem a abrir a primeira página do livro e desvendar seus enigmas. E aqui até arrisco um clichê: Ler é evoluir (QUINTANA, 2006, p. 88).

5 O BIBLIOTECÁRIO E A LEITURA

O grande desafio para iniciar a prática da leitura está em abrir a primeira página (livro ou web), vencido este obstáculo, o leitor iniciante estará envolvido no universo enigmático e surpreendente da palavra escrita. A escola é hoje, sem dúvida, o maior espaço para o exercício desta atividade, e assume (ou deveria assumir) importante papel no fomento ao gosto pela leitura por seus estudantes.

Este desafio não está entre os mais fáceis, e por isso é essencial o envolvimento de todos os agentes educacionais: diretoria, coordenadores, professores, bibliotecários e demais funcionários da escola devem interagir e participar do cotidiano educacional da instituição. É neste cenário que o bibliotecário deve assumir uma postura pró-ativa e articuladora. É imprescindível que o bibliotecário se reconheça educador e parte de um processo cíclico que encontra impulsão justamente na biblioteca. Se há tempos este profissional era tido como mero *guardador* de livros, agora está além de um agente socializador da informação, mas agente formador de leitores.

Conhecer a realidade do espaço onde atua, reconhecer seu usuário e propor políticas de fomento à leitura são atribuições indispensáveis aos profissionais que se propõem a trabalhar em bibliotecas públicas, comunitárias ou escolares. No entanto, não raramente, encontramos nestes espaços bibliotecários apáticos, mal-humorados e acomodados sob as dificuldades da profissão, da falta de reconhecimento, de recursos financeiros, espaço e apoio, e então cabe lhes perguntar: Quem disse que seria fácil?

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comum também é o desânimo estampado na face de alguns bibliotecários, destes que vêem o usuário como intruso, e encaram seu fazer profissional como enfado, limitando-se ao básico, seja pela escassez dos recursos materiais e humanos, a insatisfação salarial ou inaptidão. A estes profissionais eu recomendaria que repensasse sua área de atuação (a Biblioteconomia possibilita várias), quando não, de profissão.

Em determinadas situações é necessário incomodar, o bom bibliotecário é aquele que não se contenta, que usa sua insatisfação como força transformadora e não deixa de questionar, propor, criticar construtivamente e reconhecer nas expressões artísticas um instrumento de interação possível de transpor as paredes da biblioteca, entendendo que esta se constitui de livros, mas se potencializa em sua práxis.

Como propor leitura se o próprio bibliotecário não lê?

Possivelmente nesta pergunta está o maior dos problemas, indiciando outras indagações: *Como um bibliotecário que não lê, pode fomentar a prática da leitura? Ou como um bibliotecário que não conhece literatura pode, por exemplo, indicar 'bons' livros?*

Graciliano Ramos já nos alertara:

Difícilmente podemos coser ideias e sentimentos, apresentá-los ao público, se nos falta a habilidade indispensável à tarefa, da mesma forma que não podemos juntar pedaços de couro e razoavelmente compor um par de sapatos, se os nossos dedos bisonhos não conseguem manejar a faca, a soveia, o cordel e as ilhós. A comparação efetivamente é grosseira: cordel e ilhós diferem muito de verbos e pronomes. E expostos à venda romance e calçado, muita gente considera o primeiro um objeto nobre e encolhe os ombros diante do segundo, coisa de somenos importância. Essa distinção é o preconceito. (RAMOS, 1976 apud SILVA, 1985, p. 14).

Certa vez uma bibliotecária rechaçou um livro *best-seller* (que ela também não leu) que inseri numa lista de novas aquisições, questionando sua baixa qualidade literária e argumentando que este nada agregaria a seu leitor, então me perguntei por que ele teria se tornado um *best-seller*?

O bibliotecário deve identificar os vários níveis de leitura e interesses de seus usuários, agindo sem pré-conceitos e juízo de valores. '*Para cada Leitor, seu Livro*', '*Para cada livro seu leitor*' tornar esta Lei de Ranganathan lugar-comum ou um clichê da

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Biblioteconomia, representa apear as possibilidades de leitura e ignorar a diversidade literária e de gêneros dispensadas ao público leitor.

A leitura não deve ser tratada com distanciamento, ela deve ser apropriada por quem a maneja, deve ser instigada, para que o agente cultural, o educador e educando interajam num processo que leve-os à leitura e à (re)descoberta constante dos livros e do universo das palavras em suas mais diferentes formas e dimensões.

6 LEITURA NA PRÁTICA: RESULTADOS DA PESQUISA

Para conhecer melhor o perfil do estudante de Biblioteconomia da UFES, foi realizada nesta etapa da pesquisa uma entrevista por meio de questionário com 43 estudantes regularmente matriculados no segundo semestre de 2009 e que voluntariamente se dispuseram a participar da pesquisa respondendo ao questionário proposto. A amostra foi representativa de todos os períodos letivos ativos neste semestre: 1º, 2º, 3º, 4º, 6º, 8º, 9º e alunos desperiodizados.

O objetivo da pesquisa foi conhecer melhor o universo deste estudante; sua relação com a graduação e a universidade, as práticas de leitura, envolvimento cultural e projeção profissional. Para isso, dividimos o questionário em quatro partes: identificação, envolvimento cultural, relação com a leitura e formação acadêmica.

6.1 Identificação dos estudantes

A primeira informação trazida a partir da tabulação dos dados coletados na pesquisa é que a amostra pesquisada é composta em sua maioria de mulheres, ao todo são 60,5% dos respondentes, mas o público masculino já marca presença com 39,5%, um número que de acordo com as transformações que se desenham no universo da Biblioteconomia, tende a aumentar.

Outra informação importante no que tange à identificação do graduando é quanto a sua faixa etária, se antes criavam a imagem de uma velhinha de óculos pedindo silêncio para personificar a Biblioteconomia, hoje verificamos que esta mantém-se como um curso predominantemente jovem: com 48,8% de alunos entre 24 e 30 anos e 27,9% entre 17 e 23 anos, em terceiro lugar está o grupo entre 31 e 37 anos com 11,6%, porcentagem

semelhante ao número de alunos acima de 38 anos. Portanto podemos inferir que o curso de Biblioteconomia da UFES na atualidade é predominantemente feminino e jovem.

6.2 Envolvimento cultural

É difícil prever até que ponto a jovialidade destes novos estudantes podem influir em futuros profissionais mais dinâmicos, arrojados e ‘antenados com o mundo’, com as transformações sociais, econômicas, políticas e de como essas mudanças se manifestam, como são representadas dentro ou às margens da sociedade, seja pelos atos políticos ou pelas expressões artísticas. Neste sentido o universo cultural do bibliotecário pode ser considerado um instrumento diferencial na percepção destas manifestações e da própria dinâmica social, contribuindo com uma visão mais plural e sociável dentro e fora de seu ambiente profissional.

A pesquisa demonstrou, no entanto, que os estudantes pesquisados não possuem grande alcance cultural ou familiaridade com as expressões artísticas e que embora apontem a leitura como principal fonte de lazer é a televisão e a internet que ocupam a maior parte de seu tempo livre. Quando consultados sobre o **entretimento preferido**, utilizamos a atribuição de uma nota que variava de 1 a 5 e solicitamos a definição de uma ordem de prioridades para as principais formas de entretenimento: a **leitura** apareceu mais vezes em primeiro lugar em 34,4% dos apontamentos, em segundo lugar figurou a **música** com 36,7%, valor igual ao atingido pelo **cinema** em terceiro, enquanto o **teatro** foi citado como quarto principal entretenimento em 41,9% e por último e na quinta posição a **televisão** com 43,8% de quintos lugares.

A pesquisa também aponta uma contradição evidente. Ao longo deste artigo enfatizamos a importância e os benefícios proporcionados pela prática da leitura e de como está vinculada a um evento social, muitas vezes desassociada de uma prática permanente. Não à toa, a maioria dos entrevistados identificou na leitura seu principal entretenimento, no entanto a média de leitura, na maior parte dos entrevistados, ficou em torno de 3 e 5 livros por ano, enquanto a TV é assistida todos os dias por pelo menos 67,3% dos entrevistados.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A relação com o cinema e teatro também se mostra distante, quando consultados sobre a **frequência em que vão ao cinema** identificamos que: 58,1% só vão ao cinema uma vez por mês e 16,2% declararam ir uma vez por ano, quando perguntados se já foram alguma vez ao cinema localizado dentro da própria universidade (Cine Metrópolis) 53,5% responderam que não. O teatro tem situação similar, quando consultados sobre a **frequência em que vão ao teatro** 46,4% declararam nunca ter assistido uma peça de teatro e 18,6% disseram assistir uma peça de teatro por ano.

Quando consultados sobre a **frequência em que costumam assistir TV**, 67,3% dos entrevistados declararam assistir televisão todos os dias, enquanto 23,5% disseram que assistem ao menos três vezes por semana e outros 9,2% apontaram uma frequência irregular e/ ou menor que uma vez por semana.

6.3 Relação com a leitura

No que se refere diretamente à leitura, a maior parte dos pesquisados demonstraram não estar satisfeitos com sua média de leitura anual ou se reconhecem como leitores medianos, apenas 6,9% consideram que lêem muito, 32,5% lêem o suficiente e 60,5% acham que lêem pouco.

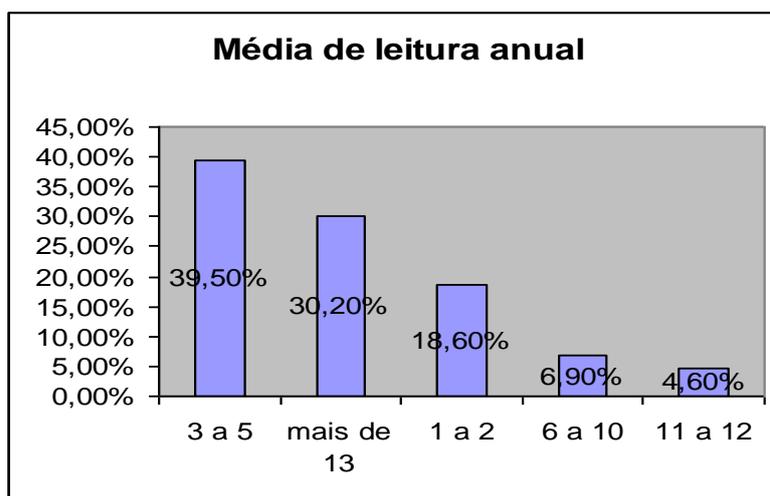


Gráfico 1 - Média de leitura anual

A justificativa para o distanciamento da leitura é a 'falta de tempo', essa vilã criada pela sociedade contemporânea – e responsabilizada por maior parte de nossas ausências e

RELATO DE EXPERIÊNCIA

negligências – foi apontada por 88,3% dos entrevistados que a declararam como principal fator de impedimento para a prática da leitura, enquanto somente 6,9% atribuíram esta dificuldade a sua própria ‘falta de interesse’.

Entre os materiais em formato impresso mais lidos, destacam-se:

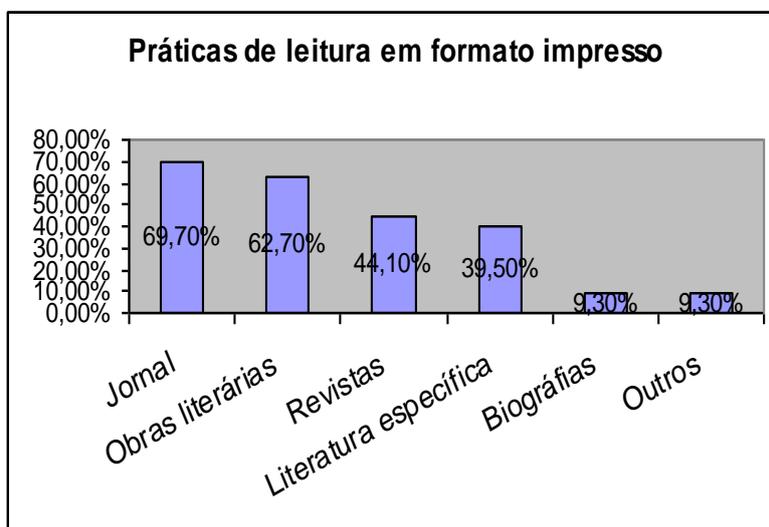


Gráfico 2 - Práticas de leitura em formato impresso

Os jornais citados referem-se exclusivamente aos jornais locais, estando distribuída entre A Tribuna (81,4%), A Gazeta (55,5%) e Notícia Agora (7,4%).

As obras literárias identificadas destacaram-se na seguinte ordem:

Tabela 1 - Preferência por obras literárias

	Gênero	Frequência relativa
1°	Romance	68,2%
2°	Ficção	13,6%
3°	Literatura brasileira	4,5%
	Literatura estrangeira	4,5%
	Contos/crônicas	4,5%
	Contos	4,5%

Entre as revistas mais lidas predomina a Revista Veja com 47% das menções, seguida da Isto é (29,4%) e Época (17,6%), demais revistas foram citadas isoladamente. A pesquisa identificou ainda que 53,5% dos entrevistados compraram algum livro no decorrer do ano, mas que 90,7% não fazem assinatura de nenhum tipo de periódico.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A leitura em formato digital também é bastante comum entre os graduandos que, de modo geral, não encontram dificuldades de acesso, uma vez que 83,7% disseram acessar a internet em casa, 46,5% também acessam no trabalho e 30,2% utilizam terminais disponíveis na universidade, nenhum entrevistado citou a *lan house*.

O curioso é que embora a internet ofereça uma diversidade incalculável de informações, estando por vezes mais acessível ao estudante que a biblioteca tradicional, 83,7% deles indicaram não participar de nenhuma lista de discussão, sendo o e-mail o principal serviço acessado na web.

Entre os materiais em formato digital mais lidos, destacam-se:

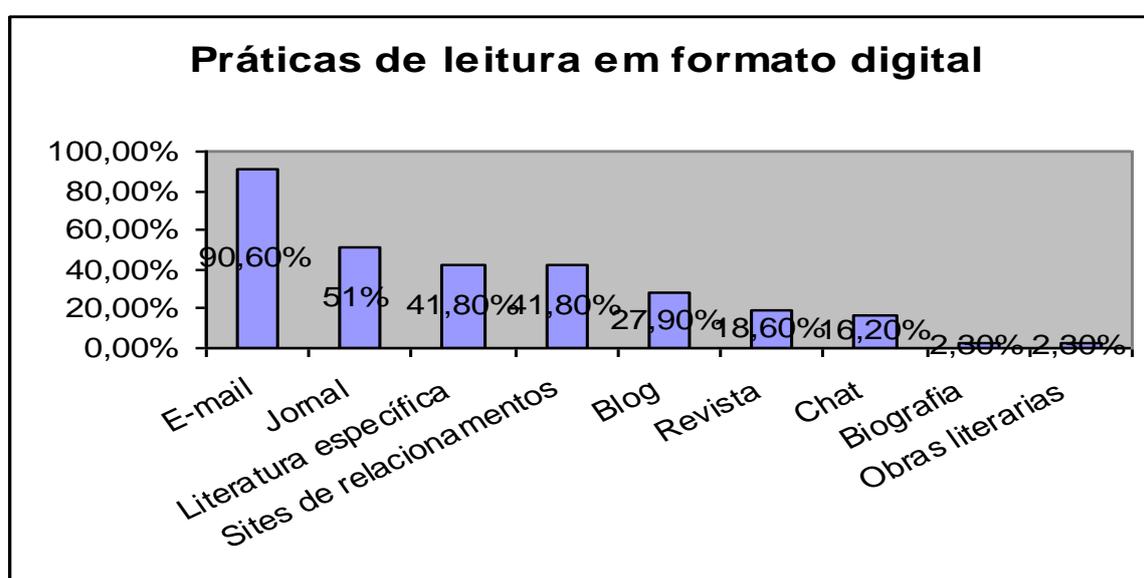


Gráfico 3 - Práticas de leitura em formato digital

Ao comparar as práticas de leitura em formato impresso e em formato digital, percebemos que o digital, apresenta um caráter comunicativo e de pesquisa, possivelmente por ignorar a barreira espaço-tempo necessária à pesquisa acadêmica, além de propiciar interatividade aos internautas. Já as leituras mais 'clássicas' são destinadas ao impresso, há uma relação de individualidade em que o leitor dispensa intermediadores e platéia. As pessoas, portanto, se comunicam e pesquisam na internet, mas na hora de ler um romance procuram o bom e velho livro impresso (fenômeno que pode ser melhor compreendido se considerado os *tipos de leitura*, conforme definimos em capítulo anterior).

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A busca pelos suportes impressos é hegemônica nas consultas em bibliotecas, quando perguntados sobre quais materiais costumam consultar na Biblioteca Central da UFES, 100% responderam livros, 13,9% disseram consultar também periódicos e apenas 2,3% os multimeios.

O índice de frequência à Biblioteca Central também é pequeno se considerado o volume de pesquisa produzido durante a graduação. Quando consultados sobre a frequência em que utilizam a Biblioteca, 39,5% disseram ir à Biblioteca Central apenas uma vez por semana, 30,2% uma vez por mês, 18,6% uma vez por quinzena, os alunos que costumam utilizar algum serviço oferecido pela Biblioteca todos os dias somam somente 11,6%.

A baixa frequência de uso da Biblioteca Central não representa necessariamente descontentamento com a mesma, de modo geral a biblioteca atende as necessidades informacionais dos estudantes ao menos para 53,5% dos entrevistados, outros 41,9% disseram atender parcialmente e 4,6% mostraram-se insatisfeitos.

Avaliação da qualidade dos serviços oferecidos pela Biblioteca Central da UFES:

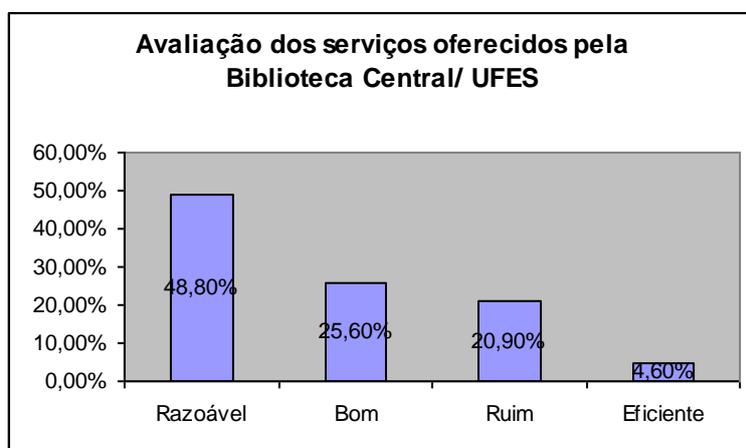


Gráfico 4 - Avaliação dos serviços oferecidos pela Biblioteca Central / UFES

6.4 Formação acadêmica

A pesquisa também tratou de identificar o **grau de dificuldade dos graduandos na interpretação dos textos técnicos**, a literatura específica da área da Biblioteconomia é o quarto item indicado como mais lido em formato impresso e terceiro mais lido em formato digital e é neste momento em que pesa o acúmulo de leituras passadas frente ao

RELATO DE EXPERIÊNCIA

novo texto, é quando a leitura ganha dimensão de pesquisa e assume as características da *leitura racional*.

Segundo dados da pesquisa, os textos técnicos não oferecem grande grau de dificuldade em sua compreensão, exceto pelo tecnicismo presente tanto na abordagem quanto no uso de termos específicos, contudo 67,4% disseram sentir ‘às vezes’ dificuldades na compreensão do assunto, 13,9% raramente sentem dificuldades e 11,6% consideram os textos fáceis, enquanto 7% disseram que os textos sempre exigem algum esforço.

Os principais fatores que dificultam a compreensão dos textos técnicos identificados pelos pesquisados são:

Tabela 2 - Dificuldade de compreensão dos textos técnicos

	Fator dificultador	Frequência relativa
1°	Vocabulário técnico	28,5%
2°	Tipo de abordagem	14,2%
3°	Falta de apoio do professor(a)	10,7%
	Falta de conhecimento do assunto	10,7%
	Falta de tempo para leitura	10,7%
4°	Falta de ‘hábito’ de leitura	7,1%
5°	Qualidade do texto	3,5%
	Dificuldade de acesso	3,5%
	Cansaço	3,5%
	Indexação	3,5%
	Falta de interesse	3,5%

Outro levantamento realizado pela pesquisa leva em conta a opinião dos discentes em relação aos **textos indicados para leitura e pesquisa**. Pessoalmente penso que a maioria deles são apresentados em programas ‘fechados’ que desconsideram a opinião dos alunos, neste sentido, o estudante não é incentivado a refletir criticamente sobre o tema abordado e sim de tomá-lo como verdade para responder a uma indagação direta realizada pelos docentes e legitimada pela falta de participação dos graduandos que minimizam o espaço de discussão, resultando em leituras e abordagens mecanicistas, salvo algumas exceções.

Como os estudantes avaliam as indicações de leitura e pesquisa realizadas pelos professores:

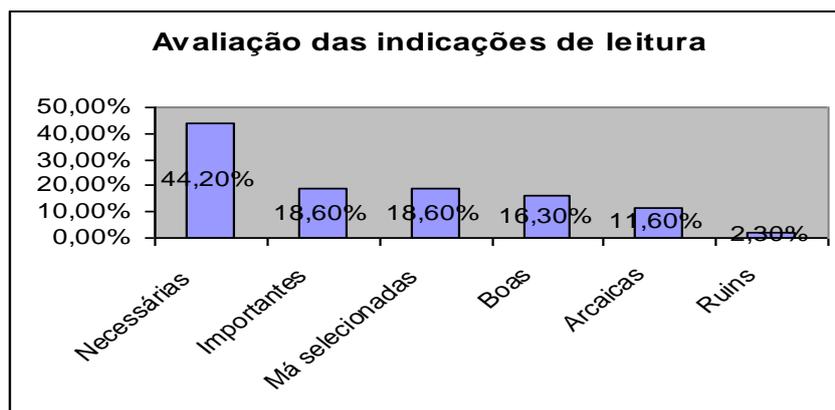


Gráfico 5 - Avaliação das indicações de leitura

A motivação apresentada para **escolha do curso** delineou um resultado bastante positivo para a Biblioteconomia e futuros profissionais mais bem preparados caracterizou que 65,1% dos estudantes procuraram o curso por interesse na área e por vontade de atuar como profissional da informação e somente 21% confessaram ter optado levando em conta a facilidade de ingresso.

Outra questão positiva é a segurança e a ampla visão de atuação profissional dos graduandos, dos 43 entrevistados 25 (58,1%) já sabem a **área em que pretendem atuar** quando formados e a maioria já direciona sua leitura a esta provável área de atividade. Destes 25 que indicaram saber a área em que pretendem atuar 18 (41,8%) já se preparam e pesquisam na área de propensa atuação, 11 (25,6%) ainda não pensaram na relação entre estudo e área profissional e 14 (32,5%) não lêem ou pesquisam com este fim.

As áreas pretendidas para atuação profissional na Biblioteconomia são diversas, segue as citadas pelos estudantes que já sabem onde pretendem exercer sua atividade profissional:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tabela 3 - Áreas de atuação profissional mais citadas

	Área	Frequência relativa
1°	Biblioteca universitária	16%
	Gestão da informação	16%
	Biblioteca escolar	16%
2°	Restauração	12%
3°	Biblioteca pública	8%
	Biblioteca empresarial	8%
4°	Carreira docente	4%
	Consultoria	4%
	Documentação	4%
	Gestão cultural	4%
	Planejamento de coleções	4%
	Periódicos	4%
	Tecnologia da informação	4%
	Unidade de informação	4%

A importância de descrever todas as áreas citadas no questionário é evidenciar as diversas possibilidades de atuação profissional permitidas no universo da Biblioteconomia e alertar para a importância de pensar essa relação e direcionar parte de sua leitura e pesquisa para sua inclinação profissional, o que certamente contribuirá para a formação de estudantes melhor preparados e seguros frente aos futuros desafios impostos pela vida profissional, independente da área onde pretenda atuar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, nos empenhamos em conceituar e dar significado à experiência da leitura, mas é importante salientar que o universo da leitura é sempre maior que a possibilidade de defini-la. O ato de ler, independente do princípio instigador, já se estabelece como uma relação social e traz resultados diretos na vida do leitor, ampliando sua visão de mundo e conseqüentemente modificando sua relação com o outro.

A pesquisa de campo nos mostrou que o estudante de Biblioteconomia percebe essa relação e reconhece na leitura um instrumento essencial à sua formação, até por isso denota um descontentamento pessoal em sua relação com a leitura, admitindo que lê pouco e que precisa se familiarizar e desenvolver boas e permanentes práticas de leitura.

De modo geral os estudantes pesquisados possuem uma relação prática com a leitura e costumam visitar a biblioteca com um fim específico geralmente subordinado às

RELATO DE EXPERIÊNCIA

obrigações da pesquisa acadêmica, neste sentido é estabelecido um vínculo funcional e objetivo com a leitura.

A facilidade de acesso a internet possibilitou a democratização dos suportes em formato digital, e em se tratando de leitura e pesquisa, já interagem em igualdade com os materiais impressos. Nota-se uma preferência pelo material impresso para as leituras mais clássicas, realizadas por lazer e deleite do leitor, como no caso das obras ficcionais e literárias, o formato digital passa a ser mais utilizado para suprir uma necessidade informacional específica subsidiando as atividades diárias exigidas pela graduação.

Outro importante apontamento é que mais da metade dos estudantes pesquisados conhece as possibilidades de atuação profissional, indicaram em que área da Biblioteconomia pretendem desenvolver a carreira quando formados, e já direcionam suas leituras para essas áreas específicas se informando pesquisando e investindo em sua formação.

Os benefícios proporcionados por uma boa prática de leitura parece consenso, no entanto, não se reverte em um costume regular, existe um prestígio em torno da imagem do indivíduo leitor que não corresponde a uma realidade prática, demonstrando uma incoerência entre o valor atribuído à leitura e sua prática real e cotidiana, uma prática que muitas vezes dispensa o livro e adota a televisão e a internet como principais formas de entretenimento.

REFERÊNCIA

BARROS, Maria Helena T.C. **O bibliotecário e o ato de ler**, In SILVA, E.T. O bibliotecário e a análise dos problemas da leitura. Campinas Mercado Aberto, Cad. da ALB, 1, 1986, p. 31 - 36.

CARELLI, Ana Esmeralda. et al. **Leitura na universidade: resultados preliminares de um estudo**. Londrina: UEL, 200-. p. 1-14.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1999. 159p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 87p.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 93p.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 3 ed. Porto Alegre: Sulina: EDIPUCRS, 2007. 85p.

NEVES, R. X. A leitura e o estudante de biblioteconomia: um instrumento para sua formação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v.3, n.6, p.1-6, 1998. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14700602.pdf>>. Acesso em: 03 dez.02009

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006. 413p.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 306p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 104p.

SUÁREZ, Patrícia; VALDIVIA, Efraín; MAMANI, Willy. Los hábitos de lectura em los estudiantes de la carrera de bibliotecología. **Revista de bibliotecología y ciencias de la informacion**, La Paz, v. 8, n. 12, p.1-6. 2003.

David Rodrigues Rocha

Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Em sua formação somam cursos e oficinas nas áreas de produção cultural, literatura, contação de história e teatro. david.rdr@oi.com.br

Recebido em: 24/06/2010

Aceito para publicação em: jul/2010